







ANTONIO TORRES

Carmen

Tropicale

VIBRAÇÕES

LIVRO DE EROS

CAVALGATA DA MORTE

SOMBRA QUERIDA...

RIO DE JANEIRO

1915



Carmen

Tropicale

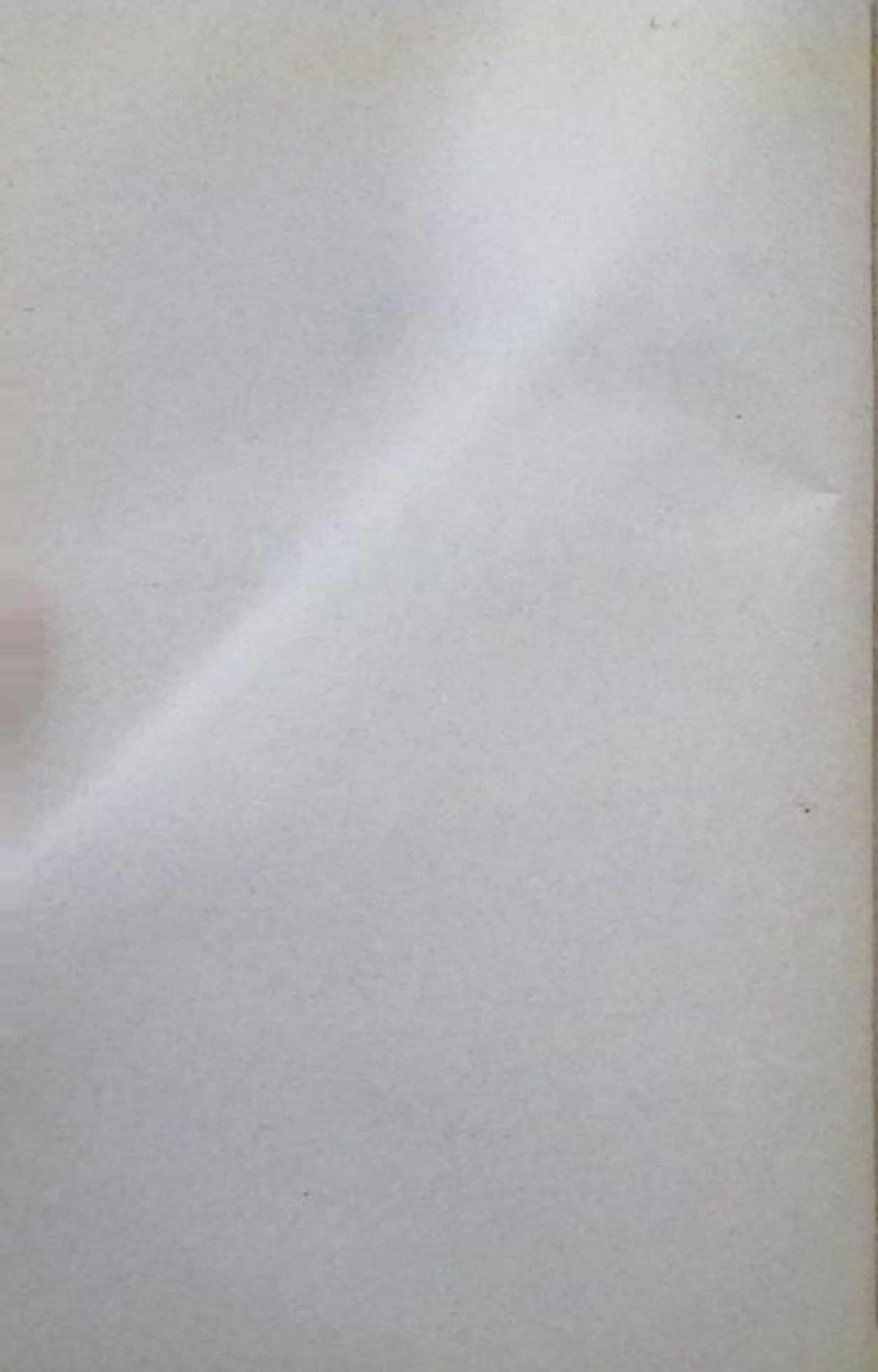
ANTONIO TORRES

Carmen

Tropicale

VIBRAÇÕES
LIVRO DE EROS
CAVALGATA DA MORTE
SOMBRA QUERIDA...

RIO DE JANEIRO
1915



Vibrações

Sonhador

(A Adolpho Porto)

Ouvi: nunca está só quem pensa, nunca!
É como um rei que leva como pagens
As chimeras, os sonhos e as imagens...
Jamais sobre elle crava a garra adunca

O abutre-solidão. Sorrindo junca
A alma do Sonhador as mais selvagens
E ermas estradas de elfos e miragens
E fadas e castellos... A espelunca

Mais lobrega, mais triste, mais escura
O alvor do Pensamento a transfigura
E enche-a de luz e irradiações de luar...

Tudo se anima ao germinar de um sonho
E faz-se claro, edenico e risonho
Para a visão de quem souber sonhar...

VIBRAÇÕES

Sylvae amor

Vou pelas vastidões deserticas e adustas
Do sertão brasileiro a ruminar chimeras...
Impelle-me a paixão das solidões augustas
Onde o Sol illumina estranhas primaveras.

Atravesso a floresta esplendida e encantada,
Viride como o dorso ondeante das serpentes,
Vicejante mulher de fórmas envolventes
Que por labio nenhum foiinda profanada...

Atravesso-a a sorrir, de surpresa em surpresa,
Como quem, ao beijar o corpo nu da amante,
Descobre em cada curva uma nova belleza
E novas seduções de instante para instante...

Percorro-a como um deus — ouvindo-lhe o murmurio
E a Vida lhe infundindo em cada tronco annoso,
Saudando da palmeira o estipe e o leque airoso,
Beijando em cada orchidea o calice purpuro.

O' selva tropical, minha amante venusta,
Dissolva-se o meu ser na essencia da tua Vida !
Quem sabe si no fim de uma floresta augusta
Eu não encontrarei Brunhilde adormecida ?...

VIBRAÇÕES

Um dia hei de te amar sem medo e, sem receio,
Diluir-me-hei dentro em ti, Nirvana tropical!
Quero, quando eu morrer, descansar no teu seio
E integrar-me, por ti, na Vida universal.

Que tristeza dormir ao marmore das lousas,
No ermo de um Campo Santo, á sombra dos ciprestes
Não ! Eu quero aspirar os perfumes agrestes
E, inda depois de morto, amar a alma das cousas...

Porque temer a Morte, a ideal metamorphose
Cheia de seducções, effluvios e amavios ?
Nós devemos gozar da Morte a apotheose
Longe da gelidez dos marmores sombrios.

Não ! Não quero dormir numa capella mystica,
Na morna solidão de estatua e de altares.
Dormirei na floresta e, á noite, á luz dos luares,
Faremos, eu e Pan, a festa pantheistica...

E enquanto o Sol mandar o seu calor á Terra,
Amando e fecundando a selva luxuriante,
Ha de pela floresta andar meu ser errante,
Gozando sem cessar a vida que ella encerra.

VIBRAÇÕES

O' selva tropical, ó minha amante amada,
Guarda só para nós nosso leito d'alfombra...
Espera-me, eu irei repousar á tua sombra
Guarda-me o teu amor, Vestal immaculada.

Eu te serei fiel. Do Campo Santo odeio
A tristeza sem fim, dramatica e fatal.
Quero, quando eu morrer, descansar no teu seio
E integrar-me, por ti, na Vida universal...

A JESUS QUE SE CHAMA CHRISTO

I

Christo, ó doce visão, alma feita de luares,
Quão longe estás de nós ! Quão longe, quão distante
Dos barbaros que, á sombra agreste dos palmares,
Deciframos da Vida a inspiração gigante !

És mystico de mais, e o nosso sensualismo
Navega a todo panno e impulso de mil remos.
Não te entendemos mais, nunca te entenderemos
Na doçura de mel do teu orientalismo...

Que pena não podermos mais te comprehender,
O' barbáro subtil das plagas da Judéa!
Agora-dizem-só devemos combater
As pugnas do Trabalho e as pelejas da Idéa...

Porque subiste ao céo, ó Filho de Maria ?
Porque não fallas mais ás turbas silenciosas ?
Vem ! Queremos ouvir de novo a litania
Dessa voz que venceu as ondas procellosas.

Vem contemplar commosco as ondas destes mares
 Que reflectem o azul das nuvens tropicaes.
 Descansarás á tarde á sombra dos pomares
 Que para nós plantou o amor dos nossos paes.

Não acharás de certo a raça scismadora
 De que nasceu Maria, a Torre de David;
 Nem tornarás a ver a gente sonhadora
 Das tribus de Israel, Judá e Nephtali.

Si viesses, meu Jesus... É preciso desceres
 De novo a nos pregar todas as esperanças,
 Ensinar-nos a ouvir a musica dos seres,
 Pregar-nos novamente as bemaventuranças...

Perdeu-se o que ensinaste; o teu ensino é morto
 Como a luz de um fanal que de manhã se apaga;
 E da Agonia atroz daquella noite no Horto
 Só nos resta na mente uma lembrança vaga.

Para tua doutrina ha muito que anoitece.
 És a recordação de um bem que não vem mais;
 E o sanguê que verteste apenas enrubece
 A purpura orgulhosa e ovante dos cardeaes.

VIBRAÇÕES

Vem fazer entre nós aparecer um santo !
Dá-nos vida interior, attrahe-nos para o azul !
Christo, desce dos céos e cobre com o teu manto
Inconsutil de Ideal os barbaros do sul.

No nosso coração encontrarás areias
E a gneissica aridez das rochas de granito.
Lança-nos na alma, pois, estrellas ás mãos cheias,
Tu, cujo Pae semeou vias-lacteas no Infinito...

Cedros

(A Olegario Mariano)

O' cedros das montanhas escarpadas !
Sois mais felizes do que o homem. Vibra
Dentro do vosso cerne, fibra a fibra,
O orgulho das alturas conquistadas...

Contra o embate dos ventos e nortadas
Flora os troncos e as frondes equilibra,
Emquanto a carne do homem se desfibra
E se desfaz nas campas ignoradas...

Que nos espera ? A Vida ou a Morte ? Ignoro...
Mais felizes sois vós : de cada toro
Que o machado derruba e a enxó solinha

Pôde um primor nascer: — uma columna
Alta e nobre, um altar, uma tribuna,
Ou os relevos de um leito de rainha...

Tannhäuser

(A Goulart de Andrade)

I

Sonhei que era Tannhäuser ! Tinha escudo,
Armadura, montante, adaga e lança.
E via a Glória, o Amor, a Vida e tudo
Atravez da esmeralda da Esperança...

Gozei, nas velhas cathedraes do Norte,
Do mysticismo a sensação estranha . . .
Depois beijei a carne ardente e forte
Das mais bellas mulheres da Allemanha.

Quantas lanças quebrei, lanças glorioas,
Na vertigem das justas e torneios !
Quantas de vós, ó castellãs formosas,
Não venci com solaus e galanteios !

Corri longas estradas, com os margraves,
Ao galope furioso dos corceis,
Só para ouvir, nas còrtes dos langraves,
De Nuremberg os velhos menestreis.

Puz a cota de malha dos guerreiros;
Desembainhei a espada leve e fina
E fui com os meus irmãos e cavalleiros;
Combater por Jesus na Palestina.

Vibrei golpes fataes que retalhavam
Meu coração sentimental de poeta,
Ao mesmo tempo que dilaceravam
As carnes dos guerreiros do Propheta.

Vi com os guerreiros medievaes do Rheno,
Entre o chocar indomito das armas,
Quentes rubis de sangue sarraceno
Tremulando nas pontas das bisarmas.

Cavalleiros sem macula e sem medo
Quantos venceu a força do meu braço !
Quantas laminas finas de Toledo
Não embotou minha armadura d'aco !

II

O amor ! Também o tive ardente e estuante
Como o ouro a refervor em mil crysoes,
O amor exclusivista e escravisante
Que só desponta em corações de heróes...

Esta, morena; aquella, loura e langue ;
Aquell'outra, rosada; es'outra, pallida;
De todas ao calor ferveu-me o sangue
Como palpita ao sol uma chrysallida...

VIBRAÇÕES

Tive dentro de mim, dentro do peito,
Estradas de Sant'Iago e sões e luares;
Logo depois de um temporal desfeito,
Ardencias tropicaes, caniculares...

O amor o coração me calcinava
Como o fogo infernal de mil fornalhas;
E era então que o meu sér se atormentava
Na saudade infinita das batalhas...

Que a padecer do amor os acicates
E combater dos zelos os cardumes
Eu prefiro arrostar em mil combates
Lanças em riste e espadas de dois gumes.

Muita vez preferi, quando os venenos
Soffri que Amor dentro em si mesmo encerra,
Aos beijos — os alfanges sarracenos,
E a uns braços de mulher — o trom da guerra...

Vibram golpes profundos e certeiros
Olhos que não trocamos por thesouros;
Cortam menos as carnes dos guerreiros
Os alfanges heraldicos dos mouros...

Fatigado dos braços nús de Venus;
 Saturado de amor, de beijos farto,
 Eu afoguei os meus ideaes terrenos
 Sob a aspereza de burel de esparto.

Pelas estradas, ermas como algares,
 Desde os montes da Hungria aos Appeninos,
 Resoavam as tristezas tumulares
 Do canto sepulcral dos peregrinos.

Fui orar nas basilicas de Roma,
 A' meia-luz devota dos vitraes;
 Orei, orei sorvendo o forte aroma
 Do incenso dos thuribulos rituaes.

Depois... como a resina toda em fumo
 Se desfaz, nas caçoilas das sultanas,
 E se espirala e sóbe e vae, sem rumo,
 — Gozo das odaliscas ottomanas ! —

Os ares perfumando e idealisando,
 Até diluir-se pelo espaço infinito,
 Assim meu sér, aos poucos se integrando
 No fumo que do altar ia subindo,

Todo se fez em fumo perfumado
 Que subia em volutas pelos ares;
 E eu remontei aos numes transformado
 No perfume do incenso dos altares...

Manon

(A Abadie de Faria Rosa)

Ás loucuras do amor predestinada,
Foste bella e infeliz. Partiu-se cêdo,
Sobre as rochas de tragico fraguedo,
Da tua vida a vaga apaixonada.

Alma fragil, do luxo enamorada,
Desconheceste o amor tranquillo e lêdo.
Fez-te o teu coração ardente e tredo
Perjura e amante, fementida e amada !

Não conheceste da pureza a gemma,
Nem a virtude leve e superfina
De que Penelope é immortal emblema.

Mas não ficaste só, mulher felina,
Tua perfidia é a synthese suprema
Da universal perfidia feminina. . . ,

Carmen barbarum

(A Hermes Fontes)

Quando eu ha dias orava
 Na cathedral da Floresta,
 Ouvi uma voz que cantava,
 Um canto heroico de festa.

Era uma voz fragorosa
 Como o clangor das trombetas,
 Echoando, vertiginosa,
 Por estrellas e planetas.

Toda em impetos sonoros,
 A selva inteira vibrava,
 Em quanto em surtos canoros
 A natureza cantava :

“Barbaro ! exalta e decanta
 A Fôrça, o Heroismo e a Vingança !
 Canta as espadas e canta
 O punhal, a adaga e a lança.

Sorve todos os perfumes;
 Sorri a todos os mares;
 Remonta a todos os cumes,
 E desce a todos os valles !

VIBRAÇÕES

Abrange com o teu olhar
A immensidão dos mundos !
Fita os teus olhos profundos
Sobre a vastidão do mar !

Passa por sobre os escolhos
Penetra na cerração,
E aprende a fitar os olhos
Nos mares do coração.

Passa por sobre as arestas
Das montanhas azuladas,
E todas as madrugadas
Respira o ar das florestas.

Os deuses ali pozeram
Uma raça de titães:
Foi das florestas que vieram
Nossos paes e nossas mães.

Ellas são o templo augusto
Do Ignoto que anima os mundos;
Em cada tronco robusto
Ha de um deus sulcos profundos...

Sê constante, ardente e rudo
No culto eterno de Vesta.
E adora acima de tudo
O perfume da floresta.

Aspira o cheiro embriagante
Da seiva pela manhã,
Que te tornarás possante
Como um fauno ou um egipan.

Si um seio é um fructo maduro,
Sorve-lhe a essencia aromal;
Conserva-te sempre puro,
Na innocencia do animal.

Forte, altivo, sem caricias,
Nunca dês teu coração.
Goza do amor as delicias,
Como o jaguar no sertão

Olha a mulher como serva;
Não lhe dês os teus cuidados;
Ama-a como o veado a cerva
Nos ermos dos descampados.

VIBRAÇÕES

Derruba-a com furia brava
Debaixo de fero jugo.
Que importa que a tua escrava
Te considere um verdugo ?

Trema, ao ver-te, como a cõrça
Quando fulvo leão avista.
Corre sobre ella e conquista
O seu amor pela fôrça.

Si chorar, ri do seu pranto !
Si se rir, fal-a chorar !
O choro da escrava é um canto
Que só te deve alegrar.

Ninguem se atreva a fitar
Os olhos na tua escrava
Sem logo e logo tombar
Ao peso da tua clava.

Sê feliz ! Ama a Belleza !
Seja-te a Terra florida !
E, dentro da Natureza,
Ama a Lucta, o Amor e a Vida.»

A tristeza dos corvos

(A Marques Pinheiro)

A tristeza dos corvos, a tristeza
Em que elles sobre as arvores meditam,
Vem de todos os seres que se agitam
Dentro da alma de toda a Natureza.

Sentindo o cheiro putrido da presa,
Nos problemas da morte elles meditam,
Chorando, quando grasnam e crocitam,
Toda a ventura que lhes é defesa...

Filhos da morte, soffrem neste mundo
Toda a immensa tortura das gehennas
— Dôr de viver sem nunca ter vivido !

Trazem na magua desse olhar profundo
E no lucto perpetuo dessas penas
A tristeza ancestral de haver nascido...

Sorriso de Gioconda

(A Nogueira da Silva)

Quando um raio de sol doirado e bemfazejo
Penetra da sua alma a escuridão gelada,
Expande-se-lhe o rosto e á boca afflora o beijo
De envolta com o seu rir que estala em casquinada.

Si ella ainda alimenta as flôres-illusões,
Que são da mocidade o esplendido apanagio,
E' que, embora a luctar com as vagas e tufões,
Sobrenada uma ou outra á procella e ao naufragio.....

Seu riso lembra o som mystico de um psalterio;
E teria de errar nas sombras do indeciso.
Do limiar de um segredo á porta de um mysterio,
Quem tentasse fazer-lhe a synthese do riso.....

E' que ao ver-lhe o ar tranquillo e calmo e reposado,
Ao vel-a assim sorrir, certo ninguem suspeita
Que, dentro desse rir sereno, geme, ao lado
De cada sonho morto, uma illusão desfeita.....

A' Musa

Cantem outros da Vida os magicos aspectos;
Vejam outros na Vida estrellas e fulgores;
Ignorem o sofrer, os odios e os rancores,
Para em tudo enxergar phantasticos Hymetos;

Eu vejo, desde o Sol ás larvas e aos insectos.
Atravez da illusão vernal de sons e còres,
A forte realidade unanime das dôres,
Da Vida universal nos adytos secretos...

Amem outros a Fôrma esplendida e sonora;
Vejam em cada chaga o palpitar de um ninho,
E, em cada campa aberta, o lume de uma aurora...

Musa ! teme da Vida o envenenado vinho,
Nem te deixes levar, philomela canora,
Pelo seu perigoso e tredo redemoinho.

Livro de Eros

Deusa ignota

(A Oscar Lopes)

Essa flor principesca e senhoril que, extatico,
Vi passar hoje envolta em sedas e pelliças,
Nasceu nalgum castello á beira do Adriatico,
Em que ha ameias, bastiões e pontes levadiças.

Alva, esguia, lembrando um minarete asiatico,
Onde fulgem á noite almenaras mortiças,
Quando passou, senti no seu todo enigmatico
O encanto espiritual das rosas outomniças...

Passou soberba, altiva, indiferente, impavida,
Sem notar que a seus pés, louca, faminta e avida,
Uma alma se afirava escravizada e humilde.

Só me restou no peito heril de sonhador
A indomita paixão e o insatisfeito amor
De um Siegfried que tentasse em vão achar Brunhilde...

Aspirações

São tristes e sem cõr as flôres desta Musa,
Que tem a pallidez das visões erradias
E nunca ouvio da Vida as fortes harmonias.
Ella só tem ouvido as pobres melodias
De avena pastoril e agreste cornamusá.

Pobre musa! Ella ignora esses conceitos raros,
Fulgidos e subtils que nos albuns se escrevem.
Ella é como os fellahs do Amor que não se atrevem
A decifrar tenções fidalgas que se inscrevem
Na branca fulgidez dos marmores de Paros...

Ella tem sido a humitde irmã dos infelizes;
Não conhece nem reis nem doges nem caciques;
Jamais teve europeis nem joias e arrebiques;
Adora os mesteiraes, os servos e os mujicks;
De santos beija o altar; de heróes, as cicatrizess...

Exilada do Amor, suspira por antanho,
O tempo dos corceis, guerreiros e armas finas,
Donas de devoção, temendo as leis divinas;
Sonoros carrilhões repicando matinas,
E pastores gentis pascendo o seu rebanho...

Que vos pôde dizer, Dona dos tempos novos,
Musa saudosa assim dos idos tempos velhos,
Quer thronejassem sobre o Olympo Venus e Helios,
Quer Papas - Reis, vibrando espadas e Evangelhos,
Regessem o porvir das raças e dos povos ?

Entretanto, tranquilla, impavida e serena,
Ella aguarda sómente ordem do vosso olhar,
Disposta a combater, disposta a conquistar
O ouro todo do Sol, toda prata do Luar,
Mais forte e varonil que um gladiador na arena.

II

Como um sonho a surgir de um coração profundo,
Colorindo visões, crystallizando imagens,
Ella irá, como um Sol de muitos sóis oriundo,
Errante, percorrendo exóticas paragens,
De flôr em flôr, de sol em sol, de mundo em mundo,
À cata de illusões, em busca de miragens.

Sahirá veloz, ruflando as azas aquilinas,
Por valles e alcantis, voando de serra em serra,
Entrando como o alvião no coração das Minas,
Exhaurindo-lhe o sangue e a vida que elle encerra
- As esmeraldas, o ouro, as pedras diamantinas -
Roubando-as ás regiões ignivomas da terra...

III

Ou permitisse acaso a sorte ignota e varia,
Não vos depunha aos pés bandeiras conquistadas,
Mas terieis de certo aos montes a ás braçadas
As mais ornamentaes das rosas da Bulgaria;

Toda a flora especial das neves da Suecia;
Cravos de Portugal, tulipas de Marpurgo;
Rainunculos da Italia, anemonas da Grecia;
Orchideas do Pará, violetas de Friburgo...

E aos poucos, docemente, o vosso ser, Senhora,
Ia-se transformando em flôres palpitan tes
- Luminosa eclosão de uma estatua de Flora
Toda irisada de ouro e pedras rebrilhantes.

E serieis, com todo esse floral thesouro,
Soberana maior do que as do Egypto e Roma,
Pois terieis, além da majestade do Ouro,
A nobreza da Cór e o prestigio do Aroma...

Então um grande amor, sem termo e sem medida,
Surgindo do meu peito, a esplendida figura
Vos cercava de leve, aos poucos, toda a vida,
Num delirio de luz, de um hallo de ternura...

IV

Mas tudo isso, Senhora,
E' distante de nós como da terra o Sol.
É rapido e fugaz como o rubor da aurora,
Passageiro e subtil como um fím de arrebol.

Ha um mundo em que um amor em outro amor se incarne
E para sempre um ente outro ente ame e despose,
O labio unido ao labio, a carne unida á carne,
As almas numa só mutua metempsycose ?...

Ao Sol, á Lua, ao Mar, ás estrellas no Espaço;
Ao movimento do Orbe, aos sismicos abalos;
Ao fogo subterraneo, ao ouro, ao ferro, ao aço;
Aos zoophitos subtis e aos perfidos esqualos;

Aos corações pagãos e ás almas evangelicas;
Aos mundos por nascer e aos mundos em declinio;
Ao riso de Satan e ás phalanges angelicas;
Ao sentimentalismo e á friez do raciocinio;

A todos perguntei, a tudo interroguei
Sí existiria acaso um atomo de mundo
Com esse eterno Amor. Responderam: “ É Lei
Que seja sempre o Amor versatil, não profundo !...”

Há alguém-Deus ou Satan ? - que a todos nos impelle
Aos braços da Mulher. Saciamo-nos. Depois...
O que antes nos uniu nos separa e repelle,
Nos enfada e nos faz odiarmo-nos os dois...

Queremos aspirar a flôr da phantasia
Num amor immortal !.
Mas o genio terreal da Especie nos sacia,
Arranca-nos ao Sonho, atira-nos ao Real
Aponta-nos da Vida a estrada erma e sombria...

Poemeto dos olhos

Olhos dessa que eu amo, olhos cheios de maguas,
Que recordam a lisa escuridão das aguas

Que correm

Por sobre alveos escuros...

Elles a cada instante agonisam e morrem,
Na amarga previsão de martyrios futuros....

Lagos a refletir solturnos firmamentos,
Sem querer, traduzis incoerciveis tormentos

Sem nome...

Olhos de visionaria,

Que uma secreta, atroce e immensa dôr consome,
Psalmodiando canções de eterna passionaria...

Recordais, a gemer, macerações de ascetas
No profundo livor côn das rôxas violetas

Que tendes

Nessas fundas olheiras...

Na vossa doce luz ha phantasmas e duendes
Que deixam apoz si luminosas esteiras...

Como a alma de um justo.

No seu brilho uma vez vi o montante de Brenno
Fulminar-me com seu poder immenso e augusto...

Prosapia as nobres linhas...

Tristes, nelles soluça a agridoce cantiga
Que o nauta sóe entoar nas vastidões marinhas...

Recordam, num olhar, velhas lendas assyrias,
E resumem a gloria extinta das Walkyrias

Na luz

Que o sonho me illumina
—Doces constellações de onde joram a flux
Luares, astros e sóes em rutila neblina !...

Nesses olhos de Esphinge, estranhos, cabalisticos,
Onde cantam, em paz de ascetas, sonhos mysticos

De amor

Purissimo e sem termo,
Diviso corações que, mudos de terror,
Vão de abysmo em abysmo, errando de ermo em ermo...

As torrentes de luz que desses olhos caem
São philtros celestiaes, que os corações attrahem

Acima,

Ao reino do Ideal...

E em prol do seu fulgor terço a lança da rima,
Vendo nelles o meu excenso Santo Gral...

II

Esses olhos, quem sabe ? a longinhas espheras
Pertencem. São talvez estrellas extraviadas
Do seu rumo normal, para serem cravadas
Nesse rosto que inspira amores de outras eras...

Querem ter expansão latentes primaveras
Dentro delles, onde ha florestas encantadas
Em que, ao entardecer, cantam gnomos e fadas
Num longo espreguiçar de languidas chimeras...

Os deuses, ao morrer, dentro delles ergueram
O seu Olympo, e ali, zelosos, recolheram
Desde os zelos de Juno á colera de Marte...

Por isso é que elles têm a belleza perfeita,
Com que resume o olhar dessa mulher eleita.
Junto a um sonho de Amor, um grande sonho d'Arte...

O ESCRINIO

Abres o escrinio, ó esplendida e triumphante
Mulher de carnação eburnea e rara,
E logo o escrinio aos olhos te depara
Todo um thesouro farto e scintillante.



Vês? o beryllo ao lado do diamante,
O negro onyx, a agua-marinha clara,
A perola de Ophir, soberba e cara,
Tudo num brilho forte e allucinante!...

E, ao vel-a, logo o espirito adivinha
Que todo essa riqueza aurifulgente
Vae ornar o teu collo de rainha.

Ah! faria a abastança do indigente
Que de morrer á fome se avisinha,
Uma só dessas perolas do Oriente!...

SCHERZO...

Passar um dia, ó querida,
Sem te ver é o mór tormento
De minh'alma a ti rendida,
Causa do meu soffrimento,
Minha santa, minha vida,
Meu respirar e meu alento!

Vida que minh'alma vive
Em regiões desconhecidas,
—Terras onde nunca estive,
E onde, em guerras e batidas,
Tudo morre e, apoz, revive
Para os furores omnícidas !...

Sonho que minh'alma sonha
De grandezas romanescas
Em castellos na Borgonha,
Pedrarias nababescas
D'aguas do Jequitínhonha,
Onde ha riquezas principescas !...

Canto que minh'alma canta,
Forte como quem se fôra
Combater na Terra Santa !
De meu ser dominadora !
Luar que a Terra toda encanta,
Bella Walkyria scismadora !

Flôr d'alegretes plantados
Nos jardins d'algum rei mouro !
Podesse eu, como os mikados,
Guardar-te como um thesouro
Em castellos encantados,
Feitos de bronze, prata e ouro !

Copacabana

Querida ! olha do mar a audacia soberana !
Contempla este primor das brasileiras plagas !
Vem gozar a delicia sobrehumana
De ouvir e comprehender a musica das vagas...

Não cuidas divisar ao longe, sobre a serra,
Ameias de um castello medieval ?
Passaram perto delle, esquipadas em guerra,
As galeras d'El-Rei de Portugal.

Ouve os gemidos querulos das ondas;
Ouve o immenso clamor, ouve e soffre com ellas...
Ellas choram ainda as matanças hediondas
Que fizeram as lusas caravellas...

Eu quizera escrever nas rochas de granito,
Com a tinta azul do mar, ao nosso amor um poema.
Ah ! mas o mar é todo um soluço infinito
Desde o dia em que a vaga atraiçou Moema...

Repara como a vaga azul o dorso empina
E se atira sobre outra e a esmaga, vencedora;
Assim o meu amor te atira resupina
E te esmaga e te vence a carne estonteadora

E estas ondas, na areia espraiadas e mansas,
Recordam-me o teu corpo inundado de luz,
Quando, farta de amor, no thalamo descansas,
Olhos perdidos no ar, braços e seios nus...

Sejamos sempre assim: eu - mar apaixonado,
Tu - praia que do oceano azul não se separa,
E deixa-me sonhar com teu corpo adorado,
Meu primor de estatuaria hellena, antiga e rara...

Beijos.

Beijos sem fim, beijos que não tem conta...
Beijos sorvidos nos teus labios, beijos,
Ardentes como o Sol quando desponta
E que as veias me escaldam de desejos,
Esses hontem m'os déste, não ! - tomei-os
Desesperado e tremulo e faminto,
Esmagando - te espaduas, braços, seios,
Num fremito de amor que ainda hoje eu sinto !

Tomei-os ! não ! bebi-os como bebe
O sedento viandante a lympha pura,
Bebi-os nessa taça ardente de Hebe,
Que é a tua bocca, ó esplendida figura
De mulher victoriosa, altiva e egregia !
Pomo de amor que os tropicos geraram
E que alimenta o Sol, victoria-regia
De volupia que os deuses não sonharam !...

Mas quanto mais os beijos se sucedem
Da tua bocca para minha bocca,
Mais aos teus os meus labios beijos pedem,
Numa ardencia de Pan, sensual e louca.
E quanto mais a tua bocca eu sorvo,
Mais tenho sede e com mais ancia almejo
Beijar-te a propria essencia, sem estorvo
Da carne, a vida haurindo-te num beijo...

E nunca mais, que nunca mais podessem
Sobre os teus outros labios descansar !
E nunca mais, que nunca mais fizessem
Teus labios a outros, que não meus, gosar !
Bocca ! Não poder eu, apoz beijar-te,
Numa attitude olympica e serena,
Atirar-te de encontro ao Sol, quebrar-te,
Como Petronio - a taça de Myrrhena !

Atirar-te de encontro ao Sol e ver-te
Feita em pedaços contra o disco de ouro !
Muito mais bello fôra do que inerte
Vêr um dia o teu corpo, o meu thesouro...
Vêr-te emfim muito ao alto, sequestrada
Dos homens pela fôrça do meu braço,
Desfeita pelo Sol e transformada
Numa chuva de beijos pelo Espaço !...

Recordações

(A Manoel Jalles)

Essa que amei, essa mulher ardente,
Flór subtil de reconditas reintrâncias.
Que rescedia a todas as fragrâncias
Da flora tropical do Continente;

Essa que tanta vez, evanescente
Sobre os meus joelhos, toda beijos e ancias,
Nunca esperou pedidos nem instâncias
Para offertar-me a polpa dehiscente,

Forte e sensual dos labios roseos e humidos,
E as espaduas e o collo e os seios tumidos...
Que é feito della?... As horas que vivemos

Morreram como flôres, mas deixaram
Vestigios e saudades que ficaram
Desses instantes breves e supremos...

Coronis e o Corvo

Coronis e o Corvo

O Corvo antigamente era alvo como o collo
De uma garça real.

Bello, airoso, feliz, predilecto de Apollo,
Era naquelle tempo uma ave sem rival.

Nem os cysnes gentis, alvos como a candura,
Que vivem a vogar sobre as aguas dos rios,
Logravam ostentar nas plumas tanta alvura
Nem no corpo ostentar tão alvos atavios.

Coronis era a mais formosa das mulheres:
Trazia em cada olhar o brilho de um thesouro;
Formavam sideraes, cambiantes rosicleres
Em torno da sua fronte os seus cabellos de ouro.

Leve qual si levada ás azas de mil elfos,
Era a flôr mais gracil de Laris da Thessalia;
E Apollo, o Rutilante, Apollo, o Deus de Delphos,
Por ella se esqueceu das graças de Castalia.

Coronis foi banhar-se ás aguas do Peneu.
Era pela manhã. Helios doirava os montes
E fazia vibrar em rutilo hymeneu
Prados, veigas, vergeis, rios, caudae e fontes...

Abeira-se do rio e, á sombra de um loureiro,
Contemplando a caudal, erecto o porte celico,
Parece offerecer a Zeus em captiveiro
O corpo esculptural de marmore pentelico.

Approxima-se enfim das aguas; tira a tunica;
Desnasta sobre o dorso as ondas dos cabellos,
E subito destróe, numa victoria unica,
O renome immortal dos classicos modelos.

Apparece-lhe o corpo immerso em plena luz,
Antes de mergulhar nas aguas marulhantes,
E logo do ar, de céos e terras corre a flux
Toda uma multidão de deuses supplicantes ..

E Coronis, tranquilla, indiferente, impavida,
Faz ao rio, com os pés, a primeira caricia,
Que a lympha ha tanto tempo espera, afflita e avida
Por gozar do seu corpo a olympica delicia.

A agua lambe-lhe os pés e oscula-lhe os artelhos;
Beija-lhe o rio a curva esculptural da perna;
Sóbe ainda, offegante, apega-se-lhe aos joelhos
E beija-lhe da coxa a Perfeição Eterna.

Avança mais acima e, rutilo, triumphal,
Ebrio, tonto de amor, furioso, espumejante,
Inunda-lhe a floresta espessa e virginal
Que de ouro lhe recobre o delta fascinante.

Já não tem mais limite a furia do Peneu :
Beija-lhe o ventre, o collo, o marmore dos seios,
O corpo inteiro emfim, que se lhe offereceu
E agora o corta a nado, em languidos meneios...

Apollo, do seu carro olympico e luzente,
Vê Coronis deitar-se ás aguas venturoosas,
E logo a ella corre e vôle, altipotente,
Gritando o seu amor e atirando-lhe rosas.

Ella o vê, bello, nú, coroado de louro;
E, o corpo a gottejar, qual fulgida cascata,
Ganha de novo a praia, e em seus cabellos de ouro
As gottas d'agua, ao sol, são guttulas de prata.

“Coronis, diz-lhe o deus, adoro-te assim, núa,
No casto despudor de uma deusa marinha !
Não te pertences mais, nunca mais serás tua !
E' minha, és toda minha, és para sempre minha !

Dar-te-hei o amor, a vida e quasi a divindade;
Em troca me darás teus beijos aromaes !
Coronis, que mulher existirá na Hellade
Capaz de recusar o amor dos immortaes ? ”

Diz e, o corpo a tremer, os olhos incendidos
Na chama de um amor olympico e fatal,
Cinge-a contra o seu peito, accesos os sentidos,
E dos labios lhe sorve a polpa virginal.

A natureza inteira em festa assiste á bôda...
Delicia sem rival ! Quem haverá que a esboce,
A Volupia sem par de um deus gozando toda
A ventura do amor no delirio da posse !...

Mas um dia

Approxima-se o Corvo e diz a Apollo : “ o deus
Formoso como o Sol, doce como a ambrosia
Que Hebe só pôde dar na taça de ouro a Zeus !

Essa que ha tanto tempo adoras em segredo;
Essa linda mulher que tu possues em Laris,
E que em carmes de amor comparas a um vinhedo
Que Dyonisos plantou para te embriagares;

Essa mulher trahiu-te, Apollo, essa mulher
Não é digna de ti nem do teu grande amor."
— "Com quem ?" pergunta o deus, todo em zelos a arder.
— "O infame, diz o Corvo, é Lysias, o pastor."

— "O' Zeus, ó Genitor dos deuses immortaes !
Fique eu, como Vulcano, horrendo, si jamais
Deixar impune a affronta !
E para castigar essa mulher escrava,
A Vingança vae já partir na argentea ponta
Desta setta que arranco á armipotente aljava ! "

Disse e, vendo Coronis,
A' beira da caudal, mirando, como Adonis,
O bello rosto á llór da crystallina lympha,
Retesa a corda, aponta a setta, alveja a amante;
A setta parte e zine e vòa e, num instante,
Trepassa o coração á descuidada nympha.

A misera, ferida, as mãos ao seio leva ;
E logo, num clamor de angustia, ao ar se eleva
A sua voz num timbre agudo e crystallino:
"Apollo ! que te fiz para que assim me firas ?
Que te fiz eu, Amor, por te incorrer nas iras
E vires trespassar meu seio alabastrino ?

Eu juro por ti mesmo e juro pela Lua
Que nunca te trahi ! Fui tua e sempre tua
E ainda agora, ó deus, tua e só tua sou !
Mas eu não morro só ! aqui dentro de mim,
Como dentro de uma urna algente de marfim,
Morre tambem um ser que o nosso amor gerou !..."

Apollo comprehendeu...

Formidavel, augusto,
Olympico, apollineo, erecto o altivo busto,
Fulge do seu cabello, ao Sol, o brilho intenso.
E contemplando o corpo exanime da amante,
Elle quizera ter os musculos de Atlante,
Para da immensa Dôr suster o pezo immenso.

Elle quizera vel-a
Vivida, sideral, como fulgida estrella
Scintillando no azul de um ceo escampo e limpo.
E para conseguir que ella voltasse á Vida,
Elle quizera ter dentro da alma dorida
Toda a fôrça de Zeus, toda a gloria do Olymbo.

“A tua geração, Corvo, maldita seja,
Diz o Delphico Deus. Nunca mais eu te veja
Nem junto a mim nem junto ás aves albipâmes !
Sê negro como a treva; e desta immensa dòr,
Que me fazes soffrer, todo o amargo travor
Teu peito vá ferir como espadas bigumes.

Eu sei que a mesma pyra ardente e crepitante,
Que o corpo vae cremar desta adorada amante,
Calcinará tambem meu coração divino...
Mas eu sou immortal. Nas dôres não me expando;
Por isso é que não vês os meus olhos boiando
Da Lagrima cruel no mar adamantino.
Desde a plumagem tua, o' Corvo, ao coração,
Sê negro como o reino escuro de Plutão !”

E á palavra do deus das adustões solares,
O Corvo, que até então era alvo, virginal
Como os niveos boraes palacios de crystal
Que a neve sóe erguer nas solidões polares,
Subito ennegreceu como ennegrece a Noite,
Ao sibilar do açoite.

Em igneas vibrações, das iras procellares...

Crepusculo de amor

*Doces terras de Minas!
Tardes de Sol! A' noite o Luar! Manhãs de bruma!
Asperos alcantis molhados das neblinas...
Armentos a mugir! Mattas a verdejar...
E, sob um ceo azul, nuvens da eôr da espuma
Do mar...*

Sim! Recordo-me bem. Passeavamos na matta,
Quando a selva, a gemer de gozo, se desata
Num espasmo aromal.

Eu andava a sonhar um sonho de Belleza,
Virgem, grande, a surgir da alma da Natureza.
Tudo a cantar. Vibrava a selva tropical
Na transfiguração de um sonho universal.

Tudo alegre, a cantar, tudo verde e risonho.
Cada tronco robusto idealisava um sonho
De selvatico amor. Cada arvore sombria
Era um hymno de fôrça, um canto de alegria
Da Grande Mãe communum, da mãe sublime e casta,
Que do seio da Terra a lactea seiva arrasta
E a transforma em hastil, em tronco, em fructo, em flôres;

Em ramo farfalhante, em luz, em som, em còres;
No sanguineo rubor das flôres que flammejam;
Na alvura virginal das petalas que alvejam;
Nas petalas azues, nas petalas doiradas;
Nas que se abrem á luz das frescas madrugadas;
Nas que, á noite, ao surgir da lua, sob o pallio
Do ceo, abrem o seio ás caricias do orvalho...
Como uma multidão de deuses e de numes.
Espalhavam-se no ar penetrantes perfumes,
O cheiro capitoso, o perfume inebriante
Da Natureza immensa, agreste, luxuriante.

E por entre o silencio augusto, conventual,

Da selva tropical,

Naquella solidão sensual, tranquilla e morna,
Onde o mais leve som resôa e se prolonga,
Soava as vezes o canto agudo da araponga
Num timbre de metal batido na bigorna.

Então, Maria, eu vi que tudo nos chamava
Ao chammejante amor que o sangue me escaldava,
Ao embriagante amor, á vasta chamma ardente...
Lembras-te? Desde o sol, que andava para o poente,

Rescaldante, flammineo,

Em busca do seu leito incendiado e sanguineo,
Até ao scintillante, aureo, rutilo insecto
Que em torno de uma flôr zumbia, ardente e inquieto,
Querendo derramar o seu amor latente
No calice innocent,

Tudo nos convidava ao mesmo amor, Maria !
No entanto (oh ! bem me lembra o instante fugitivo
Em que fui teu vassallo, em que fui teu captivo !)
Tu ficaste marmorea, indiferente e fria,
Passando pela fronte o lenço de escumilha,
Absorta, desfolhando um ramo de baunilha
Que tinhas entre os dedos !

Olhavas vagamente as arvores. Scismavas...
Enquanto eu...escondia os intimos segredos
Daquelle grande amor perdido ! Em ondas flavas,
Fulgidas, palpitan tes,
Igneas, meridionaes, o sol os derradeiros
Beijos de luz mandava ás arvores gigantes
E aos cimos altaneiros..

E como o sol tombou nas chamas do occidente,
Assim naquelle tarde o meu amor fremente
Tombou no seu occaso.

O luar, alvo, leitoso,
Começou a surgir num crepusculo ancioso
E tremulo, ó Maria !

Mas não foi sobre o mundo apenas que desceram
As sombras em que a luz do sol cae na agonia;

Pois desde aquelle dia
As pobres illusões que alimentei morreram
Como aves tropicaes lançadas sobre o gelo
Das solidões polares.

Partiu-se elo por elo
A cadeia daquelle amor que despontava,
Para sempre o destino em meu ser derramava
Sombras crepusculares...

Tudo porque, Maria,
Tu ficaste marmorea, indiferente e fria...

Cavalgata da Morte

*Le vent gémit, le vent apporte
L'immense rumeur des combats ?
Voir passer la noire cohorte,
Le sol tressaille sous ses pas.
L'air est rouge, les ciels livides,
Sous le vol des corbeaux avides,
Venus là pour ronger les morts.
Et dans l'ardente chevauchée,
Ainsi qu'une moisson fauchée,
Tombent les braves et les forts.*

HÈLÈNE VACARESCO.

(Chants d'aurore)

(A Nestor Victor)

I

Campeiam sobre o mundo as hostes de Guilherme,
E, numa estolidez monstruosa, immensa e estranha,
Quer o mundo esmagar, como se esmaga um verme,
O grande Timur-Leng Segundo da Allemanha !

Grecia, vem soccorrer os modernos hellenos !
E tu, feroz Bulgaria, e tu tambem, Rumania !
Russia, atira á batalha os guerreiros ruthenos !
Cossacos, cavalgæ os ginetes da Ukrania !

Cruza os mares do norte e do sul, Inglaterra,
Com as tuas colossaes, cyclopicas esquadras,
E manda convocar, por teus clarins de guerra,
Os guerreiros da Escocia e os lanceiros de Madras !

Gentes do Montenegro, as curvas cimitarras
Vibrae ! Eia ! Descei dos penhascos impervios
E, ao bellicoso som das heroicas fanfarras,
Andae a defender vossos irmãos — os servios !

França, povo de heróes, raça de paladinos,
Então uma canção aos manes de Rolland,
E vem, ao forte som dos teus antigos hymnos,
Oppor o peito heril ao novo Gengis-Khan !

Que a lamina fatal do montante francez
A Aguaia abata e depois... no proprio sangue alague-a !
Vamos ! não fica mal ao pennacho gaulez
Ter em volta de si algumas pennas d'aguia...

II

O coração gaulez é espada, é lança, é dardo,
Quando vae combater dos barbaros a sanha.
Quem sabe manejar a espada de Bayardo
Que medo pôde ter á espada da Allemanha ?

Nas praias aromaes da terra de Abelardo,
Em suave tepidez Venus as fórmas banha,
Ouvindo como canta ao longe a voz de um bardo
Uma historia de amor ou uma heroica façanha...

E' um cantico revel, rubro como cinabre,
Que impelle a alma gauleza á attitude triumphal,
Cada estrella que luz, cada rosa que se abre,

No firmamento azul, no alegrete aromal.
Não ha canto da Gallia onde a lança e onde o sabre
Não hajam cinzelado uma proeza immortal...

Fallam terras de França

III

Passaram sobre nós as hostes da Allemanha
Como sobre os vergeis perpassam vendavaes...
Desde os mares do sul ás aguas da Bretanha
Sentimos do terror os fremitos mortaes.

Não amedrontam mais os sismicos abalos
As doces provações de Reggio e de Cattania,
Que o estrepito feroz das patas dos cavallos
Que atiram sobre nós as hordas da Germania

Filhos de Wittikind, d'Attila e de Alarico,
Irrompem como o sopro ardente das procellas.
Ter-lhes-ia ensinado o Grande Frederico
Como incendiar Louvain, Liège, Dinant, Bruxellas ?...

Mas nós temos ainda escudo, espada e lança
E os rijos corações dos heróes da Gasconha;
Nem deixamos morrer as flôres da Esperança
A' sombra dos vinhaes ridentes da Borgonha.

CAVALGATA DA MORTE

Para elles a batalha é uma rutila festa;
São ainda os heróes dos prelios de São Luiz.
Sabem terçar a lança e, gravadas na testa,
Como gottas de luz, trazem flôres de Lys...

E nós, que somos mães, nós as terras de França
Havemos de nutrir o seu vigor estoico ;
É seu o nosso leite, a fartura, a abastança;
Nós somos, todas nós, do defensor heroico...

IV

Fallam Capellas

Somos innumeras, talvez
Não haja terra onde haja tantas;
A arte serena que nos fez
Quebrou depois moldes e plantas...

Nós somos unicas, talvez
Não haja terra onde haja eguaes;
A Arte serena que nos fez
Não quiz tivessemos rivais.

Nós somos candidas, talvez
Outras não haja assim tão claras;
A Arte serena que nos fez
Nos deu poder de sermos raras...

Lá do outro lado, ali, naquella
Que tem do Sena aguas visinhas,
Rezava Branca de Castella.
Ouvimos suspirar rainhas...

A' visinhança dos guerreiros,
Tremem as candidas capellas,
Como ás ameaças dos lanceiros
Tremem as timidas donzellias...

Ouvimos suspirar princezas
Ao som dos hymnos do Ritual.
Nós dominamos as devezas
Como altos ninhos do Idéal...

Poupae-nos, barbaros, nós somos
Feitas de Paz e de Esperança.
Contende os bellicos assomos,
Porque pisais terras de França...

Fallam Cathedraes

V

Cantam dentro de nós estranhos mysticismos
Nos plinthos, nos vitraes, ogivas e rosaceas;
Vimos da velha crença os fortes paroxismos,
De monjas espectralaes nas olheiras violaceas...

Entraram — quanta vez? — sob estas arcarias
Cavalleiros marciaes vindos da Terra Santa;
Elles vinham cantando as graves litanias
Entoadas ao redor da Campa Sacrosanta.

Elles vinham d'álém, trazendo, nos escudos
Insculpidas, tenções de fé aureas e ovantes,
E depunham no altar os elmos ponteagudos,
Os guantes, os punhaes, as lanças e os montantes.

Debaixo das ovaes abobadas sombria,
Que longo murmurar ciciante de orações!
Parecem despertar phantasticas magias
As preces a brotar de tantos corações.

São como cathedraes as almas pensativas:
Mais alto é o seu scisnar que as torres de granito;
Ergue dentro de si plinthos, vitraes e ogivas
Quem se lança no Espaço em busca do Infinito...

CAVALGATA DA MORTE

Ouvimos suspirar as noivas dos guerreiros
Que lidavam ao longe, em busca de aventuras...
Ellas vinham pedir que os rudes cavalleiros
Fossem grandes heróes de indomitas bravuras.

Ouvimos suspirar noivas de marinheiros,
Que andavam pelo mar em tormentas e agruras;
Ellas vinham pedir que os bons aventureiros
Voltassem breve aos seus amores e ternuras...

Nós ouvimos chorar reis, bispos e príncipes
E ouvimos soluçar mulheres indefesas,
Temendo do inimigo o ataque e o desembarque.

Nunca tivemos medo e hoje medo não temos;
Nós somos imortais, barbaros não tememos,
Porque ximos vencer São Luiz e Joanna d'Arc...

VI

Elsa e Lohengrin

Elsa

Outrora eu consultava as fadas do Brabante.

Vogavam cysnes sobre o Escalda...

Não te lembras, Lohengrin, de uma tarde radiante
Que sobre os teus pousei meus olhos de esmeralda?

Lohengrin

Elsa que solidão nas terras brabantinas!

Silentes como o Tempo, os rios e os ribeiros

Correm... Não vejo mais nem fadas nem ondinhas

Nem castellos feudais nem reis nem cavalleiros!

Onde estarão agora os cavalleiros rudes,
Os valentes de outrora, os heróes do montante?
Onde estarão agora os cysnes, a que alludes,
Ariosos e gentis, ó Elsa de Brabante?

Elsa

Que sei?... Olha, não vês além um corpo exangue,
Tendo na mão crispada o gladio? E' um combatente...
Olha o rio — não vês? — rubro, tinto de sangue...
Mas não terei talvez um sonho de demente?

Lohengrin

Que immensa dôr tens tu no olhar esmeraldino !
Tambem vejo os signaes do excidio immenso e hediondo...
Quem sabe si estará no threno brabantino
O cruel Telramondo ?

Vê como os corpos dos heróes
Juncam as veigas resequidas:
São como flôres destruidas
Pelo calor de muitos sóes...

Tudo destruido, tudo — o templo silencioso,
Os parques do castello, as veigas e as campinas
Que pareciam ser o reflexo harmonioso
Da côr que tu possues nas pupillas divinas...

Elsa

Pobre rio de outrora ! E' uma caudal sanguinea,
Como si reflectisse a imagem torturante
De um céo em chamas... Onde, a corrente azulinea
Em que o cysne te trouxe ás terras do Brabante ?

Lohengrin

Fujamos, Elsa minha, ás tragicas visões
Das terras desvastadas !
Vem respirar commigo as auras perfumadas !
Vamos, depois de unir os nossos corações,
Aos mundos sideraes das deusas e das fadas !...

Sombra querida...

A' Sombra de minha Mãe

Dona Maria Amelia dos Santos Torres,

fallecida em Minas

em MCMXV

SOMBRA QUERIDA

I

Sombra querida, sombra inspiradora !

Sombra de um templo ideal que atra procella

Despedeçou ! Sombra consoladora !

Aza de colibry, rosa singela !

Murmurio de vaga emballadora !

Brisa beijando a alvura de uma vela...

Sombra de um mundo luminoso e casto !

Sombra de mim, sombra de minha vida,

Sombra de um tempo venturoso e fasto !

Sombra, ao luar, da torre de uma ermida !

Sombra feliz de um sonho egregio e vasto !

Sombra de minha Mãe, sombra querida...

Eu te escuto das vagas num suspiro;

Numa nuvem longinqua eu te presinto;

Busco ver-te do Sol no eterno gyro.

*Busco no azul do mar a tua imagem;
Busco-a do Sol nos raios e nas flamas;
Busco-a no azul dos céos, no Luar, na aragem,*

*Dos aranhóes nas transparentes tramas
E no rumor dolente da folhagem...
Busco-a nos poentes còr de cinza e chammas,*

*Nos mundos sideraes, nos arrebóes,
Nos esplendores tropicaes, nas còres,
Nas estrellas, nos astros e nos sóes...*

*Busco-a nos prados, nos vergeis, nas flores;
Busco-a na luz mortiça dos pharóes
E nas velas dos pobres pescadores...*

*Quantas vezes, á noite, contemplando
As luzes fugitivas dos navios
Que docemente as vagas vão singrando,*

SOMBRA QUERIDA

*Não procuro, nos suaves arrepios
Das ondas, divisal-a navegando
Á flor azul dos mares fugidios !*

*Sombra adorada, sombra seductora
Dessa que jaz no tédio sepulcral,
Dentro da grande Mãe germinadora...*

*Sombra-espectro de flor, sombra outonal !
Sombra querida, sombra inspiradora !
Sombra materna, sombra espiritual !*

*Sigo-te ... Desde o despontar da aurora
Eu te procuro pelo céo profundo...
Sombra, si és flor, és uma passional !*

*O' sombra em cujo amor todo eu me inundo !
Sombra que eu sigo pela vida em fóra !
Sombra que eu seguirei de mundo em mundo...*

II

Não posso conceber-te inanimada,
Fria e impassível num caixão funereo.
Não posso conceber-te sepultada
Na frígida mudez de um cemiterio.

Quando eu parti— manhã sempre lembrada !—
Eras forte e feliz; tinhas o imperio
Sobre tí mesma. Estava longe o Nada,
Estava longe o sepulcral Mysterio...

Hoje dizem que és morta e que descansas
D'algum triste cipreste sob as franças,
Na solidão da campa abandonada...

Restam de tí os ossos, a caveira
E esta saudade ! Ah ! não ! por mais que o queira,
Não posso conceber-te inanimada.

Esta manhã, minha janella abrindo,
 Não sei, senti nas arvores fronteiras,
 Desde a raiz ás franças altaneiras,
 Alguma coisa como tu sorrindo.

É que este ardente sol, glorioso e lindo,
 As auras perfumadas e fagueiras,
 Tudo lembrava essas manhãs mineiras
 Em que eu ia saudar-te alegre e rindo,

Não posso imaginar-te, ó Mãe, sem vida.
 Vives de certo na alma indefinida
 Das coisas, por secreta e occulta lei...

Vives na grande musica dos seres,
 Na harmonia, na luz, nos rosicleres,
 Sombra de um bem que nunca mais verei!...

IV

Ora, esta noite constellada e clara,
Quando, só, no meu quarto eu penetrava,
Pela janella semi-aberta entrava
A luz do Luar numa fulgencia rara.

Não sei si, quando viva, meditaste
Alguma vez sobre a tristeza immensa
Dessa luz sepulcral no ceo suspensa
E fixa como a perola no engaste.

O pobre Luar... É o velho solitario
Que vive como a aranha no aranhol.
É o eterno mendigo do Estellario :
Vive das sobras que lhe manda o Sol...

Parecia dizer-me tristemente :
“ Vim ver-te. Aqui me tens. Dá-me um abraço ! ”
E como eu soluçasse, docemente
O Luar tornou-se merencoreo e baço.

SOMBRA QUERIDA

Uma nuvem passou-lhe pela frente,
Côr de leite, velando-lhe o esplendor;
Outra, líquida, branca e transparente,
Velou-me os olhos com um sendal de dôr...

Foi o teu ser, ó Mãe, que disfarçado
Na argentea candidez do plenilunio,
Veio ainda uma vez, neste infortunio,
Beijar a fronte ao filho abandonado...

V

Aquella torre esguia e solitaria
Tem nas sete janellas sete sinos
Que tangem sob o Luar cantantes hymnos
De uma doce plangencia funeraria.

Ouço-os de noite, á sós, quando, á janella,
Procuro divisar teu vulto amado
Na etherea timidez d'alguma estrella
Ou na alvura do Luar immaculado.

SOMRRA QUERIDA

Ouço-os. Era de certo assim que outrora,
Quando á noite morria uma princesa,
Choravam logo pela noite em fóra
Todas as altas torres da Tristeza.

Todas as virgens que restavam vivas,
Cantavam pelas notas argentinas,
Pelos arcos de todas as ogivas,
Pelas flôres de todas as campinas. .

Cantam, na voz dos sinos desferida,
Todas as grandes vibrações humanas.
Cantam todas as dôres desta vida
Nas notas vesperaes destas campanas.

E' essa voz que recorda a côr lilaz
E as dolencias liturgicas dos psalmos
Lembra-me a solidão dos sete-psalmos
Da terra em que teu corpo dorme em paz...

VI

Irmãos ! ó vós que a vistes dominada
Pela fôrça lethargica da Morte,
Como arvore de subito arrancada
Pelo arranque cyclopico do Norte !

Dizei-me vós si o gume de uma espada
É, mais do que esta magua, atroz e forte !
Dizei-me vós si ha dòr mais acerada
Que este infortunio que nos coube em sorte !

Dizei-me, Irmãos, não brotam mais os lyrios ?
Vinde lenir-me intimos martyrios
Que o canto do heptacordio não conforta...

Vinde arrancar-me ao peito a magua infinda !
Vinde dizer-me si ella vive ainda !
Dizei-me, Irmãos, dizei-me si ella é morta !...

VII

Eis que te foste para o Além ! Partiste
Faces de santa, o coração contricto,
Como suave oração de um velho rito
Psalmodiada ao gemer de um orgão triste...

A derradeira vez que me sorriste
Eu te sorri, mas antevendo, afflito,
Que breve ias fugir para o Infinito;
E esta Saudade agora o diz:- fugiste...

Mãe ! si o destino permittisse um dia
Que eu te visse outra vez, gozo me fôra
Seguir-te á campa solitaria e fria.

A mim, sem ti, mais val morrer, Senhora,
Que viver nesta funda nostalgia,
Morrendo dia a dia e de hora em hora...

FINIS

NOTA-POSFACIO

Com este livro, que é o primeiro que atiro aos azares da publicidade e que espero não seja o último, não pretendendo entrar nem para a Academia nem para a Camara dos Deputados, nem mesmo para o Couselho Municipal. Lanço-o sem falsa modestia, sem vaidade e sem prefacio. É possivel que não seja um primor. Creio tambem que não é nenhuma ignominia. Dizia Goethe não haver livro, por peor que fosse, em que se não respigasse alguma coisa bôa. O encontrar coisas bôas num livro depende apenas de saber ler — idêa esta já bem velhazinha, conforme o conhecido verso de Terencio, verso já tantas vezes citado, que parece logar commum: Pro captu lectoris habent sua fata libelli...

Quanto á critica, nunca perco de vista aquillo de La Bruyère : L'on devroit aimer à lire ses ouvrages à ceux qui en savent assez pour les corriger et les estimer. Ne vouloir être ni conseillé ni corrigé sur son ouvrage est un pedantisme. Il faut qu' un auteur reçoive avec une égale modestie les éloges et la critique que l'on fait de ses ouvrages.

E todavia é evidente que allusões e ataques pessoais não são propriamente critica...

A. T.

INDEX

INDEX

VIBRAÇÕES

Sonhador	PAGS.	5
Sylvae amor		6
A Jesus que se chama Christo		9
Cedros		12
Tannhaüser		13
Manon		17
Carmen barbarum		18
A Tristeza dos Corvos		22
Sorriso de Gioconda		23
A' Musa		24

LIVRO DE EROS

Deusa ignota	27
Aspirações	28
Poemeto dos olhos	33
O escrinio	37
Scherzo...	38
Copacabana	40
Beijos	42
Recordações	44
Coronis e o Corvo	47
Crepusculo de amor	54

CAVALGATA DA MORTE

I	59
II	60
Fallam terras de França	61
Fallam Capellas	62
Fallam Cathedraes	64
Elsa e Lohengrin	66

SOMBRA QUERIDA

I	70
II	73
III	74
IV	75
V	76
VI	78
VII	79

ERRATA

A' pagina 18, na 5^a quadra, o 2^o verso leia-se assim :

Sorri a todos males;

A' pag. 29, 2^a. estrophe, 4^o. verso, leia-se assim :

O ouro todo do Sol, toda a prata do Luar;

A' pag. 79 1^o verso do 1^o quarteto, leia-se assim :

Eis que te foste para o Além! Partiste,

TYPOGRAPHIA
DA
LIVRARIA CASTILHO
RIO DE JANEIRO



